

# O que é a literatura comparada?

## LEITURAS

MARIA ALZIRA SEIXO



**F**azem-me muitas vezes esta pergunta, e já não tanto os estudantes, que começam a habituar-se a uma designação disciplinar que lhes aparece «feita» nos planos de estudos, mas sobretudo alguns colegas (daqueles que não receiam mostrar um relativo desconhecimento sobre o que lhes não diz imediatamente respeito) e certos «literários» de uma maneira geral. Francamente, nunca sei bem o que responder. Acentuar que a Literatura Comparada é afinal a literatura *tout court*, como queria René Wellek, que, no seu depoimento de Chapel Hill, censurava ao comparatismo clássico *uma demarcação artificial do objecto de estudo e da sua metodologia, um conceito mecanicista de fontes e de influências e uma motivação ligada ao nacionalismo cultural?* Insistir em que a Literatura Comparada é o domínio da reflexão conduzida por uma «crise permanente» da definição do campo literário, como afirmou em tempos Ulrich Weisstein, demarcando-se no entanto de uma concepção demasiado lata como a de Henry Remak (*a literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico, e das suas relações com as diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como arte, filosofia, história, ciências, religião, etc., em suma, com as outras esferas da expressão humana*), por não desejar «desertar a terra firme da segurança académica»? Sublinhar que *a literatura comparada, representa mais do que uma disciplina académica: é uma visão globalizante da literatura, do mundo das letras, uma ecologia humanística, uma visão do universo cultural, englobante e abrangente*, como escreveu François Jost em 1974?

Respigo estes passos de um livro publicado há meses no Brasil, que bem pode ser um começo de resposta à questão inicialmente enunciada, e da maneira mais correcta, isto é, dando a ler alguns dos textos que, de 1886 até à década de setenta, mas muito em especial após o pronunciamento americano no segundo congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, de 1959, radicado na célebre conferência de René Wellek, configuram a questão disciplinar em torno de uma reflexão sobre objecto e métodos, consentânea com as tendências teóricas coevas partilhadas pelo consensualmente aceite autor da famosa *Teoria da Literatura*, de 1949. O livro chama-se *Literatura Comparada, textos fundadores*, anuncia-se como o primeiro de uma série de três volumes cuja restante publicação se prevê para breve, e é da autoria de Tânia Franco Carvalhal, do Rio Grande do Sul, cujo labor institucional em prol



CARLOS DE OLIVEIRA

da Literatura Comparada no continente sul-americano é bem conhecido, e de Eduardo Coutinho, do Rio de Janeiro, actual presidente da associação brasileira da especialidade, e ambos ligados ao Conselho Executivo da AILC. Neste primeiro volume se publicam algumas «raridades» de tipo positivista e impressionista, tais como os textos de Posnett e de Joseph Texte, se coligem ensaios muito citados e glosados (mas pouco lidos) de Benedetto Croce, Van Tieghen e Guyard, e se apresentam alguns textos, de facto fundadores, da autoria de Wellek, Escarpit, Etiemble, Remak, Zhirmunsky, Pichois e Harry Levin, entre outros.

O leitor pode perceber, deste modo, que a Literatura Comparada radica no movimento positivista que reforçou e desdobrou as ciências, dando origem a novos campos de investigação, na segunda metade do século passado; que sofreu algumas sacudidas com a corrente impressionista e um forte abalo com o «New Criticism»; e que, a partir dos anos cinquenta, enveredou por sendas onde perspectiva teórica e perspectiva histórica se digladiaram, constituindo-lhe assim a tão falada crise que, ao que parece, mais do que debilitá-la, a

forteceu. O leitor perceberá também que os grandes problemas que se colocam à Literatura Comparada são os das relações entre a atitude nacionalista e a visão internacional; que o procedimento da «comparação» não é aceite pela maioria dos comparatistas como sendo inerente à metodologia da Literatura Comparada; e que a vastidão dos territórios que nela se podem integrar (no domínio da multiplicidade do *corpus*, da «mundialização» pressuposta e de uma heterogeneidade de domínios diversos do saber a ela susceptíveis de se agregarem), sendo de facto fascinante e seguindo a orientação de Mathew Arnold em prol da conexão e contra o isolamento, tem de ser acautelada pelo «pretensiosismo» balofo que pode implicar, ou pela aplicação das noções heurísticas da nossa tradição cultural a fenómenos que não estão centrados no mundo ocidental.

Na feliz opção dos organizadores, o volume encerra com o texto de François Jost, «Uma filosofia das letras», que, terminando de maneira inapelável (*A literatura comparada é o resultado inevitável do desenvolvimento histórico geral*) e encontrando no *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx, curiosamente, uma das expressões mais correctas e mais inovadoras do comparatismo literário (o que pouquíssimas vezes é invocado), procede à caracterização das diversas «escolas» (francesa, russa e americana, abertamente valorizando a americana), escolas hoje em dia de diversificação muito esbatida (mas não completamente, diga-se em abono da verdade) e sobretudo articuladas com momentos muito específicos da história da crítica e da evolução universitária. Eis, pois, um óptimo livro de iniciação, que se apresenta, através dos apêndices informativos sobre os autores seleccionados (a meu ver um pouco apressados e nem sempre miticamente integrados no contexto intelectual, crítico e universitário em que actuaram), como uma visão necessariamente problemática dos caminhos e opções da disciplina, levando o leitor a problematizar também, e a considerar o movimento evolutivo e questionante desta direcção de trabalhos teórica e histórica, que afinal de contas polariza de facto a totalidade de questões que se podem colocar à literatura.

**N**ão podemos mencionar, nos estudos literários em Portugal, trabalhos da mesma natureza que neste género possam competir, pelo que devemos felicitar-nos com esta publicação em língua portuguesa. No entanto, a perspectiva comparatista, com tradições tão marcantes na nossa cultura, desde Fidelino de Figueiredo e Nemésio, aflora constantemente nos ensaios que entre nós se publicam. Dos mais recentes, gostaria de salientar dois exemplos, muito diversificados na apresentação (um trabalho académico e um conjunto de textos dispersos), na perspectiva (teórica, crítica no outro) e no tipo de abordagem comparativa desenvolvido. São eles *Tradição e Ruptura*, de Urbano Tavares Rodrigues, e *Slow Motion — Carlos de Oliveira e a Pós-Modernidade*, de Osvaldo Manuel Silveira. O livro de Urbano Tavares Rodrigues desen-

## ESTANTE

### MAIS ALICE VIEIRA



**CADERNO de AGOSTO** Mais um título a acrescentar à já vasta bibliografia, em matéria de literatura infanto-juvenil, de Alice Vieira, uma das melhores escritoras portuguesas nesse tão difícil, e por vezes injustamente minimizado, género literário. Uma história simples e bem contada, com grande fluência narrativa, por uma autora que já foi distinguida com o Prémio Gulbenkian. Ilustrações de José Miguel Ribeiro.

Alice Vieira  
**CADERNO DE AGOSTO**  
Ed. Caminho • 200 págs./1400\$00

### A CRÓNICA, DE GABO

Após várias traduções com a chancela O Jornal, a primeira de uma das obras-primas de Gabo na editora de Nélson de Matos. Na mesma tradução, exemplar, do poeta, ficcionista e nosso colaborador que também neste domínio não deixa os seus méritos por mãos alheias.

Gabriel García Márquez  
**CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA**  
Tradução de Fernando Assis Pacheco • Publicações D. Quixote • 110 págs./1980\$00

### NO REINO DA DIPLOMACIA

José Calvet de Magalhães, embaixador hoje jubilado, que teve uma longa e destacada carreira, com o último posto no Vaticano, tem-se agora dedicado de forma constante à escrita.

E isto em temas mais da sua especialidade, que em outros, como o volume que dedicou à vida privada de Eça de Queirós, publicado também pela Bertrand, em 94, como nestas colunas em devido tempo se assinalou, aliás fazendo uma pré-publicação. Agora, sai «A Diplomacia Pura» (com uma edição restrita, da APRI, em 82), sobre a qual, em jeito de prefácio, o autor transcreve uma carta que a propósito da sua tradução em língua inglesa lhe escreveu George Kennan, que Calvet de Magalhães considera «talvez o mais notável diplomata e formulador de política externa dos Estados Unidos no presente século». Kennan afirma «admiração e entusiasmo» perante a obra, que entende deveria ser «leitura básica e obrigatória em todas as instituições americanas em que a natureza, os usos e as modalidades de diplomacia são matéria de ensino».

José Calvet de Magalhães  
**A DIPLOMACIA PURA**  
Bertrand Editora • 184 págs./2500\$00